



Revista Filosofia Capital
ISSN 1982 6613

1

Vol. 1, Edição 1, Ano 2006.

A METAFÍSICA DO AMOR

Júlia de Holanda

juliadeholanda@filosofiacapital.org

Brasília-DF

2006



A METAFÍSICA DO AMOR

Júlia de Holanda¹
juliadeholanda@filosofiacapital.org

Resumo

A metafísica do amor, em Artur Schopenhauer, pode ser identificada por meio da “vontade”, definida como impulso presente em todos os seres da natureza; e no homem, ímpeto cego, instintivo e irresistível. É da *vontade de amar*, que surge o *desejo metafísico da vontade em si*, ao qual, o homem levado pelo *espírito da espécie*, e não pelas inclinações individuais, é impulsionado ao desejo e a paixão incontida, reafirmando no ciclo da vida, o *querer-viver*, e a *indestrutibilidade da espécie humana*.

Palavras-chaves: Schopenhauer – Vontade de amar – Querer-viver.

A Natureza e o Papel do Amor

A filosofia de Schopenhauer, como se sabe, é envolvida por uma curiosa manifestação ao amor, no sentido de força ativa e poderosa. E por isso, Schopenhauer, conduziu a sua filosofia para uma metafísica, a qual teve seu princípio na idéia de *mundo como vontade e como representação*, e, por essa via, chega num sistema filosófico que atribui à *vontade* a dignidade ontológica como centro e cerne metafísico da realidade. Aqui a *vontade* é considerada como querer universal, substância íntima e núcleo de todo ente particular, bem como do todo.

O conceito de *vontade* é dotado de uma novidade absolutamente inovadora, rompendo-se o liame e invertendo-se os pólos de valoração tradicional entre vontade e racionalidade. Razão e intelecto são pensados por ele como instrumentos a serviço da *vontade*,

¹ Profª de Filosofia e dos cursos de pós-graduação do SIEL – Sistema Integrado de Educação e Editora Executiva da Revista Eletrônica Filosofia Capital.



seja ela *de morrer, de viver*, e especificamente neste caso a *vontade de amar*. Trata-se de uma *vontade potência*, sendo esta mesma vontade, definida como impulso presente em todos os seres da natureza, e no homem, ímpeto cego, instintivo e irresistível. Pois;

Para o pensador sério não se trata de uma ninharia; a suprema natureza amorosa quer seja cômica ou trágica, é, realmente, a mais grave, a mais séria e a mais importante de todas. Posto que, empolgam a vida humana; e é digna da profunda importância que todos lhe dedicam. (SCHOPENHAUER, 1970, p. 38).

A *vontade* tem por sua natureza um objetivo, porque a sua única essência é a aspiração, à qual nenhum objetivo atingido pode pôr termo. E que não desejamos uma coisa por, simplesmente, termos encontrado razões para desejá-la, mas que carecemos de inventar, posteriormente, razões, sistemas e teologias para mascarar, diante de nós mesmos, os nossos desejos mais profundos e também os nossos interesses vitais.

Assim, fica fácil de entender a relação entre o eu e o tu, que diante da consciência humana se produz o primeiro de seus dissentimentos e é também a primeira de suas unificações. Entender ainda, que o amor tem em sua essência uma natureza que dá forma ao existente, e que essa natureza é mascarada pelas contingências, tanto psíquicas, quanto pelas representações teóricas.

E segundo Schopenhauer; “(...) Para que tanto ruído? Para que são esses esforços, essas violências, essas ansiedades e essas misérias! Contudo trata-se apenas de uma coisa bem simples, que cada João encontra a sua Joana.” (Id. p. 37). Ou seja, aqui o *eu* reconhece o *tu* na *vontade de amar*. O amor torna-se linguagem, diálogo, encontro.

Para Schopenhauer, o instinto do amor, é geralmente a condição e força motriz para a existência de entes futuros, e que a própria natureza de cada ente que virá; encontra a sua *essência* de maneira absoluta, na escolha individual do amor dos indivíduos que se unem - e como mais adiante será exposto - o amor consiste na preservação da espécie, na qual, a espécie



precede toda à vontade do homem. Que tem por fundamento, uma inclinação dirigida para a vontade e reprodução da espécie.

Deste modo, *o ser-em-si* – e não em outra coisa – reside mais no gênio da espécie do que no gênio do indivíduo. Por isso essa aspiração fervorosa e apaixonada entre homens e mulheres determina a indestrutibilidade da espécie do nosso ser e da sua continuidade na espécie.

Este é o princípio da redenção; a vontade é o elemento de ligação. A evidência da constante existência do querer-viver no tempo, apesar de todo incremento da iluminação através do intelecto, é o coito¹ (SCHOPENHAUER, 1970, p. 41).

Schopenhauer continua seu esclarecimento, afirmando que a evidência da luz do conhecimento estando ligada àquela *vontade de viver*, mantém em aberto a possibilidade da redenção, ou seja, do perdão pela vazão à necessidade de ceder ao gênio da espécie. Dando assim, por meio do coito e da concepção, a “constante existência do querer-viver² no tempo” para o ente que estará por vir. Pois “o coito é principalmente coisa do homem; a gravidez, inteiramente da mulher. Do pai, o filho adquire a vontade, o caráter; da mãe, o intelecto”. (Id. p. 41).

É pela a vontade do homem e a inteligência da mulher, e também pela concordância entre si de maneira especial que consiste a *vontade de amar*, que só eles podem gerar o ente – filho – e este, existir de tal maneira que sejam estes na série dos seres e não outros, seus futuros pais.

Ao contrário, segundo Schopenhauer, quando há uma antipatia recíproca e tenaz entre um casal, uma discordância entre si, que implica na falta de amor, ou mesmo o amor vulgar,

² Constitui na *afirmação do querer-viver*, inerente ao sujeito, que de outro modo, pode ser inerente ao sujeito também a *negação do querer-viver*. A *afirmação do querer-viver* se apresenta neste mundo da intuição, que justamente por isso é a manifestação da sua *coisa-em-si*. Na *negação do querer-viver*, não há manifestação, exceto, no indivíduo, quando a *afirmação do querer-viver* perde sua supremacia, e este se permite perecer.



significa que é possível que não possam gerar um ente equilibrado e bem constituído.

É então, dessa *vontade de amar*, que surge o *desejo metafísico da vontade em si*, ao qual, levados pelo *espírito da espécie*, e não pelas inclinações individuais, que são deste modo, impulsionados ao desejo e a paixão incontida, completando assim, o ciclo da vida.

Com isso, o amor que se dedica a um único ente – filho – atinge um grau de paixão maior que o puro instinto sexual – ou amor vulgar – que é senão, força motriz. Já que o *amor maior* não só procura conservar a espécie, mas se importa com a qualidade do ente que virá.

Aqui, o papel do amor na qualidade do ente que virá se manifesta além da vontade de amar, haja vista, a existência e especial constituição da humanidade futura, têm em si, a vontade de viver, e não, um simples prazer do indivíduo.

Por isso, segundo Schopenhauer, a mais enérgica potência do desejo individual se transforma em *vontade da espécie*.

(...) E quando, conscientemente, o instinto amoroso se fixa em determinado indivíduo, é que esta mesma vontade deseja ardentemente viver em um ser novo e distinto. O instinto do amor é meramente subjetivo, mas sabe iludi-los, ocultando-se sob a máscara de uma admiração objetiva. (...). (SCHOPENHAUER, 1970, p.24).

E para que a natureza atinja seus objetivos, aplica, então, a sua sabedoria:

(...) Por mais que haja o amor perfeito e desinteressado a alguém, o supremo objetivo é a geração de um novo ser. É prova disso não se satisfazer o amor com uma reciprocidade sentimental, mas ter necessidade da posse do gozo físico. (...) A constituição e o caráter da geração futura é uma finalidade do amor muito mais elevada que os sentimentos fantásticos e seus sonhos de idealismo. (...). (id. p. 25).

Pois o amor tem por finalidade o mais importante de todos os demais objetivos, a que o homem se propõe; a qualidade do ente futuro.

(...) por ela, unicamente, se explica o delírio que o amor inspira, a gravidade do papel que desempenha, a transcendência que concede aos mais



insignificantes incidentes. Pensemos nela se queremos compreender tantos trabalhos, rodeios e sofrimentos imprescindíveis à posse da pessoa amada. (SCHOPENHAUER, 1970, p.25).

E é a partir dessa *vontade de viver*, que nasce esse ímpeto, a *vontade de amar*. Por que “para todo ser vivo, o sofrimento e a morte são tão certos como a existência”. (Op. Cit.) E negar essa *vontade de viver* tem por efeito desligar a vontade do indivíduo do ramo da espécie e ainda, de suprimir a existência na espécie.

Mas, para chegar a essa conclusão Schopenhauer faz uma série de considerações acerca da idade, da saúde, da formação óssea, da beleza, das qualidades psíquicas e toda constituição física da espécie humana, denominando-as de *considerações absolutas* por seu caráter geral.

Em seguida, denomina de *considerações relativas* às quais têm seu caráter individual, pois neutraliza as imperfeições que um tem e procura encontrar a correção dessas imperfeições no outro.

Destarte, essa busca, *esse cálculo inconsciente*³ dentro de outras considerações, se encontra no fundo de todas as grandes paixões, direcionado a um único objetivo, que é a preservação e a manutenção da espécie humana.

Segundo Schopenhauer, essa *vontade de viver* de um novo ser, se manifesta em toda a espécie. É essa a força que determina a atração entre um homem e uma mulher, que procuram, através da *vontade de amar*, realizar seus objetivos na criança que vai nascer.

(...) terá do pai a vontade ou o caráter; da mãe, a inteligência, de ambos a constituição física; entretanto as feições reproduzirão mais vezes as do pai, e figura semelhar-se-á mais frequentemente à da mãe. (SCHOPENHAUER, 1970, p.41).

E acrescenta:

³ Para Schopenhauer significa instinto de amor, vontade de amar, vontade de viver.



Se é difícil explicar o caráter muito especial e exclusivamente individual de cada homem, não é menos difícil compreender o sentimento igualmente particular e exclusivo que impele duas pessoas uma para outra; no fundo, estas duas coisas formam uma apenas. A paixão é implicitamente o que a individualidade é explicitamente. (Id. p. 41).

Schopenhauer deixa claro que não é tarefa fácil esclarecer a respeito do caráter particular de cada indivíduo, e qual sentimento o leva a escolher exatamente a pessoa pela qual satisfará as necessidades do ente que virá. E não é por acaso, que a sua filosofia encontra a justificação do amor pela preservação da espécie.

O Amor Justificado na Preservação da Espécie

No que concerne à justificação do amor, requer, para se tornar mais claro, que, quando um homem e uma mulher são acometidos pelo sentimento da *vontade de amar*, sejam quais forem os obstáculos que os separem, ambos se pertencem pelo direito divino, não obstante as leis e convenções dos homens. Há nessa procura curiosa, um *calculo inconsciente*, um exame minucioso, que ajuda na escolha dos amantes, e determina entre outras considerações a condição e a força motriz para a existência do ente que virá, de modo que dêem origem a um ente perfeito.

Essa curiosidade, esse exame, é a meditação do gênio da espécie sobre a criança que eles poderiam procriar, e a combinação dos seus elementos constitutivos. (...) Assim o gênio da espécie medita a geração futura; e a grande obra de Cupido, que especula, pensa e procede incessantemente, é preparar-lhe a constituição. (SCHOPENHAUER, 1970, p.59).

Por isso o *amor divino* consiste na preservação da espécie, e na constituição de um ente perfeito, na qual, a espécie precede toda à vontade do homem. Que tem por fundamento, um instinto dirigido para a vontade e preservação da própria espécie. Em contraste ao amor divino, surge o amor vulgar, que vem do puro instinto sexual, e que, não se dirige a um indivíduo único, mas a todos, pois procura preservar a espécie apenas pela quantidade sem a



menor preocupação com a qualidade.

A *vontade de amar* que zela pelo interesse da espécie, se apresenta aos amantes sob a forma de um bem estar infinito, uma felicidade sem limites, que ambos gozam na posse um do outro.

O gênio da espécie tem que cumprir a missão de fecundar uma série indefinida de gerações dotadas de uma natureza especial, constituída por elementos determinados, que só podem encontrar num único pai e numa única mãe. Desta união, e unicamente desta, é que pode surgir a existência da geração que a vontade de viver ordena determinada e expressamente. (SCHOPENHAUER, 1970, p.42).

É indubitável que, nesse aspecto a vontade do indivíduo entra em conflito com a vontade da espécie, uma vez que a vontade do indivíduo não pode suportar as pressões que a vontade da espécie exerce e determina sobre ele.

De todo modo, para Schopenhauer, sempre haverá conflito entre o gênio da espécie e os gênios protetores do indivíduo. E na medida em que a simpatia e o interesse se unem, é que de certo modo, houve um acordo entre os gênios. “A verdade é que o *ser-em-si* existe mais na espécie do que no indivíduo”. (Op. Cit.)

A essência do ser, manifestada na *vontade de amar*, é a garantia da permanência e da continuidade do homem no mundo. E esse desejo de permanecer efetivamente no mundo, se manifesta da *vontade de viver*. E essas *vontades* têm a sua importância no ente completamente determinado.

A Necessidade e o Interesse Universal do Amor

Uma vez que o amor se dedica a um único ente, por meio da *vontade de amar* que nasce entre um homem e uma mulher, permitindo a manifestação da *vontade de viver* do ente que está por vir. O casal atinge um grau de amor tão intensificado, que se não puder satisfazer este amor, tudo perde o sentido, até a própria vida perde o valor. Mas, o que causa esse



desinteresse pela vida, essa *negação do querer-viver*?

Bem, segundo Schopenhauer, no momento em que um casal se enamora, e há nele a possibilidade do gênio da espécie se manifestar, a intensidade do amor é ampliada infinitesimalmente.

Portanto, da fonte originária de todos os entes brota essa aspiração de um ente futuro, que encontra a sua ocasião única de entrar na vida; e essa aspiração manifesta-se na realidade das coisas pela paixão elevada e exclusiva dos pais futuros um pelo outro; (...). É este o único fim que se persegue e prova-o o fato dessa sublime paixão. (...). (SCHOPENHAUER, 1970, p.61).

Por serem somente aqueles pais e não outros, em concordância com a vontade do homem e a inteligência da mulher, que podem gerar o ente completamente determinado e em perfeitas qualidades.

Deste modo, é na existência desse ente que o gênio da espécie tem em vista – e que ainda não nos é acessível tal entendimento – que a vontade de viver deseja aqui objetivar-se num indivíduo exatamente determinado, que só pode ser gerado por esse pai unido a essa mãe. Tendo aí, o *amor divino* completamente voltado ao interesse universal, que não deixa de ser a afirmação do querer-viver. O desejo metafísico de permanecer e preservar-se no universo como ser existente.

Schopenhauer declara que o amor tem como interesse universal a *vontade de viver*. Esta vontade é manifestada no ente que virá no princípio do desejo metafísico da vida que aspira ser. “Para isto só há a consolação de que a vontade de viver dispõe do infinito no espaço, no tempo e na matéria, e que uma ocasião inesgotável de repetição lhe é facultada” (Op. Cit.).

Se na percepção do mundo, partimos da *coisa-em-si*, o *querer-viver*; poderemos encontrar seu núcleo, ao qual está localizada maior concentração da *vontade de viver*, que é o



ato da gestação. Para o filósofo é este o princípio, e que constitui o ponto de partida do embrião do mundo e a coisa principal.

*O querer-viver novamente se afirmou.*⁴ Com isso, o ato da geração forma o nó do mundo. A vontade se estabelece novamente, à luz do conhecimento, e nesta medida se restabelece a possibilidade do caminho da salvação, e a redenção pode se verificar novamente, através da vontade, sendo a *coisa-em-si*, a substância, e conseqüentemente, a essência do mundo. Já a vida, o mundo visível, “o fenômeno não sendo mais que o espelho da vontade”.

Assim, Schopenhauer evidencia que a vida será companheira inseparável da vontade como a sombra acompanha o corpo. Pois onde houver vontade, também haverá vida. É indubitável, que a vida está irrevogavelmente ligada ao querer-viver, e tem por finalidade a indestrutibilidade da espécie humana.

Todo o amor que une um homem e uma mulher, e estes, estabelecem pouco a pouco um amor apaixonado, tem por princípio um interesse elevado e muito sério, que é a constituição e a preservação da humanidade futura. Esta simpatia evidente e mutua, confirma para Schopenhauer, duas verdades. Uma delas é que; o *ser-em-si* reside mais no *gênio da espécie*⁵ do que no *gênio protetor do indivíduo*⁶, como outrora mencionamos.

Porque esse interesse pela constituição particular da espécie, que se encontra na origem de todo o assunto de amor, desde o mais leve capricho até à paixão mais séria (...). O homem prova assim que a espécie lhe importa mais que o indivíduo, e que vive mais diretamente naquele do que neste. (SCHOPENHAUER, 1970, p.73).

A outra verdade é a indestrutibilidade da espécie humana, do ente em si, que sobrevive para o homem, nessas gerações que ainda virão. O homem se fosse absolutamente

⁴ Grifo da autora. Schopenhauer, 1970, p.75.

⁵ É a manifestação da “vontade em si” no indivíduo. Que tem a preocupação em preservar a espécie humana.

⁶ É a manifestação da “vontade do indivíduo”, a manifestação de suas inclinações e prazeres individuais sem a preocupação com a indestrutibilidade da humanidade.



efêmero, e se as gerações se sucedessem perfeitamente distintas umas das outras, não tendo outro laço senão o da continuidade do tempo, não teria a espécie humana a sua constituição indestrutível.

Com tudo, é evidente que essa simpatia, viva, ativa, que vai além da reflexão e da intenção, tendo mesmo seu princípio nas aspirações e nas tendências mais íntimas do nosso ser, não poderia existir de modo tão eficaz e exercer sobre o homem tanto poder, se a *vontade de viver* e a *vontade de amar* não estivessem intrínsecas na humanidade.



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SCHOPENHAUER, A. *Dores do mundo*. São Paulo: Ed. Publicações, 1970.